



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
ICED – INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

TATIANY DOS SANTOS FARIAS

**A INTERDISCIPLINARIDADE DO NOVO ENSINO MÉDIO SOB A ÓTICA DE
ESTAGIÁRIOS DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**SANTARÉM
2023**

TATIANY DOS SANTOS FARIAS

**A INTERDISCIPLINARIDADE DO NOVO ENSINO MÉDIO SOB A ÓTICA DE
ESTAGIÁRIOS DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciada em Geografia. Curso de Licenciatura em Geografia, Instituto de Ciências da Educação – ICED, da Universidade Federal do Oeste do Pará.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alice Ferreira Rodrigues Dias

**SANTARÉM
2023**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa

- F224i Farias, Tatiany dos Santos
 A interdisciplinaridade do novo Ensino Médio sob a ótica de estagiários de Licenciatura em Geografia./ Tatiany dos Santos Farias. – Santarém, 2023.
 37 p.: il.
 Inclui bibliografias.
- Orientadora: Alice Ferreira Rodrigues Dias.
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Ciências Humanas, Licenciatura em Geografia.
1. BNCC. 2. Interdisciplinaridade. 3. Estágio. I. Dias, Alice Ferreira Rodrigues, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 373.0981

TATIANY DOS SANTOS FARIAS

**A INTERDISCIPLINARIDADE DO NOVO ENSINO MÉDIO SOB A ÓTICA DE
ESTAGIÁRIOS DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciada em Geografia. Curso de Licenciatura em Geografia, Instituto de Ciências da Educação – ICED, da Universidade Federal do Oeste do Pará.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alice Ferreira Rodrigues Dias

TERMO DE APROVAÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi analisado pelos componentes da Banca Examinadora, sendo considerado com conceito: 9,0.

Aprovado em: 10 de julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Alice Ferreira Rodrigues Dias (Orientadora)
UFOPA/Santarém

Prof.^a Dr.^a Isis do Mar Marques Martins
UFOPA/Santarém

Prof. Dr. João Roberto Feitosa
UFOPA/Santarém

Dedico este trabalho ao meu pai Gilberto, que me apoiou nos momentos difíceis, me levava todos os dias para a universidade e foi o maior incentivador da minha jornada na graduação.

AGRADECIMENTOS

Pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de graduação e durante toda minha vida. Em especial ao meu pai e minha mãe Gilberto e Paula, sempre incentivando para que eu pudesse concluir a graduação.

À minha orientadora, professora Alice Dias, por ser inspiração, pela sua dedicação e receptividade com que me recebeu e pela disponibilidade com que me ajudou até nos finais de semana.

Agradeço aos professores do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Oeste do Pará.

Aos membros da banca, nas pessoas do Prof. Dr. João Roberto Feitosa e Prof.^a Dr.^a Isis do Mar Martins, por aceitarem o convite de avaliar este trabalho e participar desse momento tão importante para mim.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso aborda-se a normativa Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a partir da ótica de estagiários de Licenciatura em Geografia em fase de conclusão da graduação. O presente trabalho tem como objetivo relatar qual é a percepção de estagiários de licenciatura em Geografia em relação à normativa BNCC, bem como sua aplicação, em seus primórdios. A partir da utilização da pesquisa qualitativa, na qual recorreremos a estudos antropológicos para auxiliar no trabalho, tendo como instrumento utilizado para a coleta de dados a autoetnografia, que deu base para compreensão do que vem ocorrendo no ambiente de ensino-aprendizagem, acompanhada da análise documental da BNCC, tem como sujeitos da pesquisa, seis estagiários de licenciatura em Geografia. Entendemos que a percepção de estagiários é importante, por estarem em contato direto com o ambiente de ensino-aprendizagem. Através da análise dos dados obtidos pôde-se constatar que a normativa vem impactando e trazendo melhorias para o ensino, ainda que em algumas escolas esse processo seja mais lento. Percebemos que falta maior conhecimento do conteúdo da normativa BNCC, assim como falta melhor investimento na formação inicial e continuada. Fica evidente a importância do planejamento das práticas escolares, tendo como base a interdisciplinaridade.

Palavras-chave: BNCC. Interdisciplinaridade. Estágio.

ABSTRACT

In this thesis, the National Common Curricular Base (BNCC) is addressed from the perspective of Geography Education interns. The objective of this work is to report on the perception of Geography Education interns in the final stages of their graduation regarding the BNCC. The interns' perception is important as they are directly involved in the teaching and learning environment. The theoretical foundation relies on authors such as Fazenda, Severino, Trindade, among others, to develop a reflection on the interdisciplinarity present in the proposals of the BNCC for basic education. Qualitative research was conducted, drawing on anthropological studies to assist in the research process. The data collection instruments used were autoethnography, accompanied by document analysis of the National Common Curricular Base. The research subjects were six Geography Education interns in the final stages of their graduation. The autoethnography of the internship phase plays a fundamental role in this work, as these perceptions provide a basis for understanding what is happening in the teaching and learning environment. Through the analysis of the data obtained, it was found that there is still a lack of greater knowledge of the content of the BNCC, as well as a need for better investment in initial and continuing education. The importance of planning school practices based on interdisciplinarity is evident.

Keywords: BNCC. Interdisciplinarity. Internship

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 TEORIA DO MÉTODO DA PESQUISA QUALITATIVA.....	12
2.1 Procedimentos Metodológicos da Pesquisa.....	14
2.2 Método da Autoetnografia.....	16
3 A PROPOSTA DA BNCC NO ENSINO MÉDIO.....	19
4 A INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	27
5 DISCUSSÃO E RESULTADOS.....	30
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICE.....	38
ANEXOS.....	39

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como foco principal tratar, a partir da ótica de estagiários de licenciatura em Geografia, da evolução da legislação com foco na interdisciplinaridade, considerando sua culminância na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Elaborado a partir de amplos debates com especialistas da educação e com a comunidade escolar, e tendo como norte os sérios problemas demonstrados pelos censos escolares, a saber, desistência e reprovação em números alarmantes, principalmente no ensino médio, a BNCC teve sua versão final homologada em 2017 com o intuito de ajudar na solução da evasão escolar, dentre outros problemas listados no documento (BRASIL, 2017).

Assim, torna-se necessário compreender como a normativa vem sendo aplicada e recebida no ambiente escolar, a partir da ótica de estagiários, os quais estão em contato direto com o sistema de ensino básico.

Visando abordar a problemática sobre como a BNCC vem sendo percebida, por estagiários de licenciatura em Geografia, este trabalho justifica-se cientificamente no sentido de contribuir para ampliar o entendimento sobre a normativa pela ótica de futuros profissionais da área, futuro este bastante próximo. Considerando que o ensino básico é obrigatório, de acordo com a constituição federal, e que qualquer mudança que haja no regimento de ensino altera consideravelmente a vida das famílias, entendemos que esse trabalho se justifica também socialmente. A metodologia utilizada compreendeu uma pesquisa de abordagem qualitativa, autoetnográfica.

Esta monografia está estruturada em cinco capítulos. No primeiro encontra-se uma introdução. No segundo capítulo discutimos a teoria do método da pesquisa qualitativa, tendo como preocupação a busca por referências importantes acerca da teoria do método para refletir sobre a diferença entre trabalho científico e militância. No subcapítulo 2.1 buscou-se apresentar os procedimentos metodológicos da pesquisa e no subcapítulo 2.2 tratamos do método específico dessa pesquisa, a autoetnografia. No terceiro capítulo buscou-se apresentar a Base Nacional Comum Curricular, enfatizando sua proposta para o ensino médio, assim como a LDB e os PCNs. A leitura desses textos tinha como espinha dorsal a

questão da interdisciplinaridade. No quarto capítulo procurou-se conceituar a interdisciplinaridade na educação básica, como uma das principais propostas da BNCC. Por fim, trazemos nos resultados da pesquisa uma reflexão a respeito da prática da BNCC com base nos relatos da autoetnografia, considerando a proposta interdisciplinar e suas práticas.

2 TEORIA DO MÉTODO DA PESQUISA QUALITATIVA

Neste trabalho se faz uso do referencial teórico acerca do método qualitativo de pesquisa de campo da Antropologia. Toda esta vasta experiência será considerada para o presente trabalho com grupos politicamente atuantes, dada a efetividade de seu método. A Geografia tem seu potencial quanto a pesquisas, mas não tem a reflexão da qual este trabalho necessita, assim se faz necessário trazer a contribuição que eles têm para os geógrafos.

Outro motivo para o uso deste referencial teórico é que a Geografia produz muito trabalhos de campo de cunho qualitativo, mas não faz reflexão teórica sobre isso, então se faz necessário recorrer às reflexões antropológicas, pois os antropólogos têm competência específica no trabalho de campo de cunho qualitativo: “o trabalho altamente descritivo da antropologia, sua capacidade de detectar perspectivas divergentes e interpretações alternativas, apresenta um material provocativo e estimulante” (DURHAM, 1986, p.18-19) para pensar a realidade social. É, portanto, a Geografia buscando na Antropologia tais reflexões teóricas acerca do método.

Assim, Durham aponta alguns cuidados necessários que a Geografia também necessita, como não perder de vista que cada conclusão parcial e divergente que se acumula deve ser situada num quadro geral que localiza as pesquisas concretas e limitadas que são continuamente produzidas. Outro cuidado está relacionado às formulações teóricas que devem ser postas em questão e testadas pela pesquisa empírica, ou seja, deve haver uma integração entre teoria e pesquisa.

O pesquisador vai a campo com ideias prévias, com sua bagagem teórica, procurando algo que está previamente delimitado, já tendo um guia sobre o que se quer em campo, quais as ideias prévias e hipóteses que se tem. No entanto, o resultado da pesquisa de campo pode confirmar, negar ou ainda confirmar somente parte da teoria, sendo este o papel do trabalho de campo.

No método de pesquisa qualitativo é necessária uma aproximação com o grupo pesquisado, mas com certa cautela. Durham faz críticas ao campo antropológico que também são válidas ao campo geográfico: “da observação participante para a participação observante e resvalando para a militância”

(DURHAM, 1986, p.27). A observação participante é tida como mais objetiva e a participação observante como mais subjetiva, ou seja, se participa mais do que observa, resvalando para a militância, quando o pesquisador acaba se assumindo como porta voz do grupo pesquisado.

Há também um perigo nesta participação observante que é a omissão da reflexão teórica e metodológica quanto aos problemas epistemológicos envolvidos. Assim, percebe-se um grande volume de trabalhos de militância que deixaram de ser pesquisas científicas, passando a meras denúncias. Ressalta-se que fazer denúncias de situações difíceis vividas pelas populações que se deseja estudar é importante de serem feitas, só não podemos dizer que é ciência, pois não está dentro do campo de conhecimento Geográfico. Para ser ciência é necessário estar comprometido com a produção de conhecimento.

Há limites impostos pelo método, como defende Durham (1986) sobre a observação participante, para não ultrapassar os limites da pesquisa, de forma a torná-la uma mera denúncia, ou seja, os limites ao se envolver com o grupo pesquisado. Cardoso (1986, p. 95), no entanto, diz que é função do pesquisador “tornar visível aquelas situações de vida que estão escondidas e que, só por virem à luz, são elementos de denúncia do status quo”.

O problema da relação pesquisador e grupo pesquisado surge do desmonte da concepção tradicional de neutralidade científica, mas o engajamento político do pesquisador na causa do pesquisado não resolve o problema do conhecimento. Nega-se a neutralidade do pesquisador, apoia-se o compromisso com o grupo estudado, mas os dados devem continuar sendo produzidos considerando os rigores científicos. Essa intensificação no envolvimento dos pesquisadores se dá com a identificação de propósitos políticos entre pesquisador e pesquisado, transformando o pesquisador em mero porta-voz do grupo pesquisado, deixando como periférico o interesse pela produção científica.

O trabalho de campo tem um objetivo que consiste em “apreender “de dentro” as categorias culturais com as quais a população articula suas experiências de vida social e ordena sua prática coletiva” (DURHAM, 1986, 33). Uma solução para a questão é não se limitar ao trabalho descritivo, “da forma pela qual os fenômenos se apresentam, mas investigando o modo pelo qual são produzidos”. (DURHAM, 1986, 33). Apesar de a descrição ser importante, não se deve limitar-se a ela, mas buscar as origens, os porquês da questão.

Assim, a escolha pela análise qualitativa em detrimento dos métodos quantitativos se justifica pela necessidade de uma pesquisa que busca aprofundamento no assunto para melhor compreensão, ressaltando que ambos “são modos diversos de resgatar a vida social e chegar a iluminar aspectos não aparentes e não conscientes para os atores envolvidos” (CARDOSO, 1986, 95-96).

2.1 Procedimentos Metodológicos da Pesquisa

O presente capítulo pretende apresentar os procedimentos metodológicos realizados nesta pesquisa. Os métodos em questão facilitaram a compreensão da perspectiva de estagiários licenciandos em Geografia a respeito da proposta interdisciplinar no ambiente escolar, presente na normativa BNCC.

A pesquisa é “o conjunto de procedimentos sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos.” (ANDRADE, 2012, p.109). Desta forma trataremos neste capítulo dos passos percorridos durante a pesquisa deste trabalho.

Segundo Demo (2011) é tradição das ciências humanas e sociais a escolha pela pesquisa qualitativa, principalmente na área da educação, pois recebeu grande impulso de educadores. Para Marconi e Lakatos “o estudo qualitativo desenvolve-se numa situação natural, oferecendo riqueza de dados descritivos, bem como focalizando a realidade de forma complexa e contextualizada” (MARCONI; LAKATOS, 2022, p. 303).

Inicialmente, para alcançar os objetivos deste trabalho, foi necessário se fazer uso da pesquisa bibliográfica. Segundo Andrade (2012), os trabalhos científicos sempre pressupõem uma pesquisa bibliográfica preliminar, ou seja, sempre se recorre a trabalhos realizados anteriormente.

Desta forma, inicialmente recorreremos a bibliografias de autores renomados para dar base a pesquisa, com livros que dão sustentação ao debate científico acerca da interdisciplinaridade, assim como para sustentar a proposta de coleta de dados através de relatos da autoetnografia.

A escolha por estagiários como sujeitos participantes da pesquisa se deu por estarem presentes no ambiente de ensino-aprendizagem e por terem a percepção do que vem ocorrendo tanto nas escolas como na universidade.

Em seguida, após a escolha dos participantes da pesquisa, foi realizada a coleta de dados no formato de relatos de vivências durante a fase de estágio, considerando a interdisciplinaridade e a aplicação da normativa BNCC na educação básica, mais especificamente no ensino médio. Posteriormente, com os dados coletados, foi possível realizar a discussão.

A amostra estabelecida nesta pesquisa foi a partir da seleção de universitários estagiários de graduação em Licenciatura em Geografia da rede pública de ensino superior federal. Respeitando a conduta de não divulgação dos nomes dos participantes, utilizaremos nomes fictícios, como estagiário ou estagiária, seguido de numeração (estagiário 1, estagiário 2, estagiária 3, assim sucessivamente).

Os estagiários estão em fase de conclusão da graduação e atuam na rede pública de ensino básico. A escolha deste grupo para a pesquisa se deu pelo fato de ser essencial a participação de pessoas com conhecimento em relação à prática interdisciplinar e que estejam em contato direto com a dinâmica educacional do país.

Considerando que “técnica é um conjunto de procedimentos de que se serve uma ciência ou arte; é a habilidade para usar esses preceitos ou normas. Toda ciência utiliza inúmeras técnicas na obtenção de seus propósitos.” (LAKATOS, 2021, p.202), os dados coletados neste trabalho foram reunidos por meio da análise da normativa BNCC referente ao ensino médio, assim como por meio da convivência de estágio universitário, no cotidiano das atividades da universidade. Foi essencial a coleta documental, para uma melhor compreensão da realidade vivenciada no ambiente de ensino- aprendizagem.

Segundo Lakatos (2021), os dados coletados são classificados em primários, secundários e terciários. A análise documental se enquadra em “secundários”, podendo ser relatórios, livros, revistas, jornais, sites ou documentos escritos. A fonte dos documentos é o arquivo público nacional digital de livre acesso.

Na análise da BNCC referente ao ensino médio foi possível manter uma relação entre documento e o cotidiano de estágio e entender melhor o

direcionamento da escola como um todo, pois é preciso conhecer a proposta da normativa para relacionar com o que vem sendo realizado nas escolas.

No próximo subcapítulo apresentaremos o método específico dessa pesquisa, a saber, a autoetnografia.

2.2 Método da Autoetnografia

Como neste trabalho pretende-se relatar qual a percepção de estagiários de licenciatura em Geografia sobre a interdisciplinaridade na prática ou aplicação da BNCC, busquei por fazer uso de um método que melhor proporciona dados para a pesquisa, optando assim pelo método da autoetnografia, visto que as experiências vividas em estágio serviram de fonte com grande relevância para esta pesquisa.

Retornar conversas e relatos do convívio de estágio durante a graduação é uma forma de recuperar o que se precisa neste trabalho, que é refletir sobre a prática interdisciplinar da BNCC, como ela vem ocorrendo no ambiente escolar, como vem sendo posta em prática pelos professores e gestores, tudo pelas vivências e ótica de estagiários. Fazer análise da própria experiência vivida do pesquisador é uma forma de coletar dados sobre o que vem ocorrendo no ambiente de ensino- aprendizagem.

Considerando que o uso da autoetnografia seria uma forma eficaz de coletar dados que englobam as experiências vividas relevantes para caracterizar o objeto de estudo, buscou-se evidenciar a sua importância como método de pesquisa.

Ressalta-se que para alcançar o objetivo da pesquisa, este não é o único método utilizado, o método é complementado com a análise documental, pois somente os relatos autoetnográficos não são suficientes para a pesquisa.

Para compreender do que se trata a autoetnografia, recorre-se a origem da palavra: ela “nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve).” (SANTOS, 2017, p. 218).

“o que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido, etc.)”. (SANTOS, 2017, p.219)

No método autoetnográfico se destaca o reconhecimento e valorização da experiência do pesquisador no próprio processo de pesquisa, pelo uso de memórias, vivências para explicar o que será estudado e como a pesquisa será realizada. Além disso, também são considerados os fatores relacionais que surgem durante a investigação, como a experiência de outras pessoas. Ou seja, no método autoetnográfico, o pesquisador utiliza suas próprias experiências e as relações que surgem ao longo do estudo para entender e explorar o tema de pesquisa.

Ressalta-se que a autoetnografia já vem sendo abordada desde 1996, em trabalhos descritivos, livros e seminários, segundo Santos (2017), e tornou-se um método importante e legítimo em muitos contextos de pesquisa.

A autoetnografia é um método no qual se pode destacar três aspectos fundamentais: em primeiro lugar, a autoetnografia utiliza a experiência pessoal do pesquisador como fonte de dados. Isso significa que o pesquisador se torna parte da pesquisa, por meio de suas vivências e experiências relacionadas ao tema pesquisado. Em segundo lugar, a autoetnografia reconhece e valoriza as relações do pesquisador com os "outros", ou seja, com os sujeitos da pesquisa. Por fim, a autoetnografia visa uma profunda autorreflexão. Isso implica em uma análise cuidadosa das interseções entre o pessoal e o político, o sujeito e o social, o micro e o macro. Assim o pesquisador se questiona sobre como suas próprias vivências, identidade e posicionamento influenciam o processo de pesquisa e a interpretação dos dados coletados. Essa autorreflexão busca evitar generalizações simplistas e promover uma compreensão mais aprofundada e crítica do que se pesquisa. Através da autoetnografia, podemos obter percepções valiosas sobre as dinâmicas sociais e culturais que moldam nossas vidas e experiências. (SANTOS, 2017, p.221)

Dessa forma entende-se que o método da autoetnografia tem como base a experiência vivida do pesquisador enquanto parte do contexto que se investiga, pois

apresenta um conhecimento privilegiado do assunto. No caso desta pesquisa, se faz uso de relatos enquanto estagiária, evidenciando a prática interdisciplinar e a aplicação, recentemente iniciada, da BNCC.

Para coletar os relatos, pensou-se em deixar o relator livre para o diálogo, como em uma conversa, optando-se, então, pela entrevista focalizada. Esta se torna mais adequada, pois,

“No caso da entrevista focalizada, elabora-se um roteiro com tópicos que serão abordados, para orientar a “conversa”. Este tipo de entrevista confere mais liberdade tanto para o pesquisador quanto para o entrevistado. As perguntas não são rigidamente formuladas, o entrevistado pode alongar-se em determinados tópicos, trazendo mais informações e a entrevista transcorre mais como conversa informal, mesmo quando o roteiro é obedecido”. (ANDRADE, 2012, p. 137)

Lakatos (2021) trata a entrevista focalizada como um tipo de entrevista, padronizada ou não estruturada, na qual há liberdade para desenvolver, na direção que for adequada para a pesquisa, temas no formato de perguntas abertas que podem ser respondidas em uma conversa informal.

3 A PROPOSTA DA BNCC NO ENSINO MÉDIO

Atualmente vem se intensificando discussões em torno da interdisciplinaridade no ambiente escolar. Isso se dá pelas recentes alterações na educação básica, mais especificamente no ensino médio, iniciativa essa que busca tornar o ensino mais eficiente. A partir disso, apresenta-se neste capítulo uma revisão documental sobre interdisciplinaridade na educação básica, no qual se discute sobre o tema como sendo a principal proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A princípio destaca-se que a educação básica, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (LDB), em seu Art. 21: “é formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio”. Destaca-se também que Base Nacional Comum Curricular, é fruto de ampla consulta à comunidade educacional. Tendo sido “elaborada por especialistas de todas as áreas do conhecimento, a Base é um documento completo e contemporâneo, que corresponde às demandas do estudante desta época, preparando-o para o futuro” (BRASIL, 2017.p.5). A BNCC define dez competências gerais, que devem ser desenvolvidas durante os anos na educação básica. Competência é entendida na BNCC como:

a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BRASIL, 2017. p.8)

Essa competência é o que os autores denominam como interdisciplinaridade, ou seja, deve ser assegurado que o aluno tenha uma educação interdisciplinar, que ele esteja apto na tentativa solucionar demandas do seu cotidiano, que consiga fazer com que o conhecimento adquirido se torne útil e possa ser usado ao seu favor. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no Inciso IV de seu Artigo 9o, afirma que cabe à União

estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e seus

conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum (BRASIL, 1996).

A BNCC, aponta que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências, indicando o que os alunos deverão saber e o que deverão saber fazer, tendo como finalidade a junção dos conhecimentos para solucionar demandas complexas da vida cotidiana (BNCC, 2017).

A sociedade atual tem cada vez mais acesso a informações, assim se faz necessário saber como administrar e articular tais conhecimentos adquiridos para que sejam usados de forma integral. A BNCC propõe promover uma educação que acolha e reconheça as singularidades e diversidades de conhecimentos.

No novo cenário mundial (...) requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades. (BRASIL, 2017. p.14)

Ou seja, não basta receber diversas informações soltas e que não se conectam, é necessário saber administrar e relacionar, para utilizá-las e fazer com que tenha uma finalidade. Dessa forma a BNCC faz uma complementação:

a BNCC propõe a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida. (BRASIL, 2017. p.15)

O Brasil sendo um país de grande diversidade e desigualdade, enfrenta um grande dilema que é a não permanência de alunos nas escolas. O país precisava de reformulações na educação para determinar a igualdade educacional, e a normativa BNCC desempenha este papel de propor aprendizagens essenciais para todos os estudantes, sem distinção, desenvolverem durante seu período na educação básica. A normativa pretende promover a igualdade no ensino, assim como no acesso e

permanência nas escolas, não deixando de lado as singularidades e especificidades de cada um, isso tudo por meio da proposta interdisciplinar.

Assim, ao tratarmos de interdisciplinaridade no ensino básico, se faz necessário recorrer a vasta contribuição dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Em 2000 foi elaborado um documento com uma proposta de ensino baseado na Interdisciplinaridade: os PCNs. Neste a escola tem papel importante na socialização de conhecimento, formando cidadãos informados, conscientes e atuantes. Alguns temas do cotidiano, como problemas ambientais, devem ser trabalhados nas escolas, na modalidade de temas transversais, ou seja, que perpassam por diversas disciplinas escolares. (BRASIL, PCN, 2000).

As propostas da BNCC se adequam por meio dos currículos, estes por sua vez são projetados tendo em consideração as especificidades locais e as singularidades e características dos alunos. Os currículos são decididos pelos participantes do processo de ensino aprendizagem, pela comunidade e pelas famílias, para que os componentes curriculares estejam conectados com a realidade do lugar, para que a interdisciplinaridade ocorra entre os componentes curriculares e para que os professores tenham acesso a formação continuada, entre outras decisões, que precisam ser consideradas na organização de currículos.

Ressalta-se a importância da escola, que tem autonomia no processo de administração do que incorporar em seu currículo e propostas pedagógicas:

cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: direitos da criança e do adolescente (Lei no 8.069/199016), educação para o trânsito (Lei no 9.503/199717), educação ambiental (Lei no 9.795/1999, Parecer CNE/CP no 14/2012 e Resolução CNE/CP no 2/201218), educação alimentar e nutricional (Lei no 11.947/200919), processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso (Lei no 10.741/200320), educação em direitos humanos (Decreto no 7.037/2009, Parecer CNE/CP no 8/2012 e Resolução CNE/CP no 1/201221), educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena (Leis no 10.639/2003 e 11.645/2008, Parecer CNE/CP no 3/2004 e Resolução CNE/CP no 1/200422), bem como saúde, vida familiar e social,

educação para o consumo, educação financeira e fiscal, trabalho, ciência e tecnologia e diversidade cultural (Parecer CNE/CEB no 11/2010 e Resolução CNE/CEB no 7/201023). Na BNCC, essas temáticas são contempladas em habilidades dos componentes curriculares, cabendo aos sistemas de ensino e escolas, de acordo com suas especificidades, tratá-las de forma contextualizada. (BRASIL, BNCC. p.19-20)

Ressalta-se que esta normativa exige da união de esforços para que possa ser posta em prática, e não apenas das escolas, além dos estados, municípios e Distrito Federal.

Fica sob a responsabilidade da União os recursos para a formação inicial e continuada de professores, para que estejam alinhados com a Base Nacional Comum Curricular, visto que são os principais articuladores dessa normativa no ambiente de ensino- aprendizagem. “Diante das evidências sobre a relevância dos professores e demais membros da equipe escolar para o sucesso dos alunos, essa é uma ação fundamental para a implementação eficaz da BNCC.” (BRASIL, 2017, p.21).

Com relação a infraestrutura para a proposta da normativa, também cabe à União fornecê-la, assim como cabe ao MEC dar suporte técnico e financeiro, promover a divulgação de informação para que as escolas desenvolvam suas propostas. (BRASIL, 2017)

A BNCC como um documento oficial possui uma estrutura com as 10 competências a serem desenvolvidas pelos alunos durante a educação básica nas escolas, que por sua vez têm seus currículos que definem de que forma irão trabalhar para alcançar as propostas da normativa. Se espera como resultado uma formação humana integral, uma sociedade justa e democrática.

A estrutura também esclarece como as aprendizagens estão organizadas em cada uma das etapas e se explica a composição dos códigos alfanuméricos criados para identificar tais aprendizagens.

Como esta pesquisa está voltada para apresentar a proposta da BNCC no Ensino Médio, neste trabalho se dá ênfase para esta etapa da educação básica. O ensino médio é a etapa final da educação básica, no qual devem ser consideradas as diferenças e particularidades de existência dos adolescentes, jovens e adultos que compõem o ensino médio, para que todos tenham acesso à ciência, tecnologia, cultura e ao trabalho.

“Para formar esses jovens como sujeitos críticos, criativos, autônomos e responsáveis, cabe às escolas de Ensino Médio proporcionar experiências e processos que lhes garantam as aprendizagens necessárias para a leitura da realidade, o enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentadas”. (BRASIL, BNCC, 2000.p.463)

Com as transformações que vêm ocorrendo no mundo, principalmente pelo desenvolvimento tecnológico, o Ensino Médio necessita de melhorias, necessita acompanhar tais desenvolvimentos.

Para atender às necessidades de formação geral, indispensáveis ao exercício da cidadania e à inserção no mundo do trabalho, e responder à diversidade de expectativas dos jovens quanto à sua formação, a escola que acolhe as juventudes tem de estar comprometida com a educação integral dos estudantes e com a construção de seu projeto de vida. (BRASIL, BNCC, 2000. p.464)

A LDB estabelece em seu artigo 35, as finalidades do Ensino Médio, sendo indispensável a garantia da consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, fazendo com que haja prosseguimento dos estudos e, conseqüentemente, a preparação básica para o trabalho e a cidadania, através do desenvolvimento de competências que o tornarão apto a adaptar-se às mudanças. É também finalidade do Ensino Médio o aprimoramento do educando como pessoa humana, integrando assim sua formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. Deve também garantir aos estudantes a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB), determina ainda que a etapa do ensino médio esteja organizada em quatro áreas de conhecimento:

Art. 26o. § 1o. Os currículos a que se refere o caput devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil. (BRASIL, LDB,1996)

Para a proposta da interdisciplinaridade, com o fortalecimento das relações entre as disciplinas com objetivo de que se possa ter melhor compreensão e intervenção na realidade vivida, a LDB passa a ter alterações com a Lei No13.415, de 16 de fevereiro de 2017.

Fica determinado então:

O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber:

I – linguagens e suas tecnologias;

II – matemática e suas tecnologias;

III – ciências da natureza e suas tecnologias;

IV – ciências humanas e sociais aplicadas;

V – formação técnica e profissional. (BRASIL,2017)

Ou seja, não há a retirada de disciplinas, mas sim a preocupação com o aprendizado que articule os conhecimentos, que seja percebido como útil para a vida de quem está nesta etapa da educação básica. Há, ainda, o interesse de que a educação tenha seu objetivo atingido, motivo pelo qual a BNCC foi formulada. O currículo passa a ter, então, aprendizagens essenciais para atingir as competências e habilidades, ficando tais aprendizagens organizadas por áreas do conhecimento e itinerários formativos.

Cada área do conhecimento estabelece competências específicas de área, a serem desenvolvidas na etapa do ensino médio, “essas competências explicitam como as competências gerais da Educação Básica se expressam nas áreas.” (BRASIL, 2017, p.33). Devem atender às especificidades de formação dos educandos desta etapa, e também orientar a proposição e o detalhamento dos itinerários formativos relativos a essas áreas.

Para garantir que essas competências específicas de área sejam desenvolvidas, relaciona-se um conjunto de habilidades a cada uma das áreas. As habilidades são identificadas por um código alfanumérico indicando a etapa em que série as habilidades podem ser desenvolvidas, a área ou o componente curricular, assim como a competência específica à qual se relaciona a habilidade. As

“aprendizagens essenciais a ser garantidas, no âmbito da BNCC, a todos os estudantes do Ensino Médio” (BRASIL,2017. p.33) é um compromisso da normativa.

Com relação aos itinerários formativos, a escola, ao montar seu currículo, deve pensar propostas que considerem a realidade local do aluno, os anseios da comunidade, garantindo que o jovem seja protagonista.

A normativa deixa claro que cabe às escolas como um todo, tanto públicas quanto privadas, auxiliar o aluno a administrar o conhecimento sobre diversas áreas, devendo assim haver um padrão de ensino-aprendizagem, sempre buscando pelo ensino interdisciplinar, pois este é necessário e fundamental para formar cidadãos capazes de solucionar problemas de seu cotidiano e deve ser usada como um meio, na educação básica.

No processo de ensino-aprendizagem há uma progressão das aprendizagens essenciais do Ensino fundamental para o Ensino Médio, com objetivo de aprofundamento e ampliação do conhecimento.

A área de Ciências Humanas, também faz progressão das aprendizagens essenciais, do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, ambas as aprendizagens voltadas para o “desenvolvimento das competências de identificação, análise, comparação e interpretação de ideias, pensamentos, fenômenos e processos históricos, geográficos, sociais, econômicos, políticos e culturais” (BRASIL,BNCC, 2000. p.472).

No ensino das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, há o aprofundamento da base conceitual, dos modos de argumentação, assim como, a sistematização do raciocínio, tendo como foco do aprendizado os jovens e suas vivências como cidadãos, com o estímulo a leitura de mundo mais crítica e contextualizada da realidade, também tendo como base a interdisciplinaridade.

A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, integrada por Filosofia, Geografia, História e Sociologia, posicionadas dentro de uma noção interdisciplinar, na qual os estudantes possam explorar conhecimentos da Geografia e da história, como temporalidade, espacialidade, ambiente e diversidade (de raça, religião e tradições étnicas), modos de organização da sociedade entre outros assuntos, sem deixar de lado as transformações de cada indivíduo, da escola, da comunidade e do mundo. Assim, a BNCC propõe que no ensino médio, na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas,

os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade. (BRASIL, BNCC, 2000. p.561)

Nota-se, assim, em todo o processo da BNCC, o papel evidente da interdisciplinaridade no ensino-aprendizagem, em que um conhecimento complementa o outro, fazendo com que o aluno, ao dominar tais conhecimentos, torne-se apto a solucionar questões de sua realidade.

No capítulo a seguir se encontra uma conceituação da interdisciplinaridade na educação básica.

4 A INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

A questão da educação básica é um dos grandes desafios enfrentados no Brasil, com isso é crescente a necessidade de propostas de ensino-aprendizagem atrativas e que tenham significado para quem aprende. Assim, busca-se neste capítulo dar ênfase ao uso da interdisciplinaridade como ferramenta para tornar a educação básica mais eficiente e atrativa. Nos últimos anos vêm se discutindo cada vez mais sobre a proposta interdisciplinar, isso se dá principalmente após a oficialização de reforma no ensino médio. A pesquisa e o debate acerca da interdisciplinaridade, no entanto, não são novos. Fazenda (2012), faz uma recapitulação dos fatos históricos ao dizer que:

“o movimento da interdisciplinaridade surge na Europa, principalmente na França e na Itália, em meados da década de 1960 (...), época em que se insurgem os movimentos estudantis, reivindicando um novo estatuto de universidade e de escola”. (FAZENDA, 2012, p.18)

Nesses movimentos estudantis se buscava uma nova forma de ensino, que viria a ser interdisciplinar, pois o que se tinha era um ensino fundamentado em disciplinas, no qual o conhecimento adquirido ficava sem nexos, ou seja, sem conexão entre as disciplinas e com o cotidiano. Trindade (2008) trata dessa abordagem:

Interdisciplinaridade é palavra nova que expressa antigas reivindicações e delas nascida. Para alguns, surgiu da necessidade de reunificar o conhecimento; para outros, como um fenômeno capaz de corrigir os problemas procedentes dessa fragmentação; outros ainda a consideram uma prática pedagógica. (TRINDADE, 2008, p. 72)

Pode-se dizer que com a interdisciplinaridade há a união e interação entre os conhecimentos, levando ao aperfeiçoamento dos mesmos, produzindo novos conhecimentos e solucionando problemas, ou seja, já se pratica a interdisciplinaridade, mas poucos conhecem a sua denominação.

Segundo Ivani Fazenda (2012) a interdisciplinaridade pode ser tratada como uma metodologia de ensino, na qual as disciplinas são trabalhadas em conjunto e

há um aspecto importante a ser ressaltado como ponto principal, que é a busca por solucionar problemas, perpassando por todos os conhecimentos adquiridos durante a vida. Nesse sentido, Fazenda (2012, p.69) afirma que:

a metodologia interdisciplinar parte de uma liberdade científica, alicerça-se no diálogo e na colaboração, funda-se no desejo de inovar, de criar, de ir além e exercitar-se na arte de pesquisar – não objetivando apenas uma valorização técnico-produtiva ou material, mas, sobretudo, possibilitando uma ascense humana, na qual se desenvolva a capacidade criativa de transformar a concreta realidade mundana e histórica numa aquisição maior de educação em seu sentido lato, humanizante e libertador do próprio sentido de ser-no-mundo. FAZENDA (2012, p.69)

Yared (2008) complementa esta conceituação:

interdisciplinaridade é o movimento (inter) entre as disciplinas, sem a qual a disciplinaridade se torna vazia; é um ato de reciprocidade e troca, integração e vôo; movimento que acontece entre o espaço e a matéria, a realidade e o sonho, o real e o ideal, a conquista e o fracasso, a verdade e o erro, na busca da totalidade que transcende a pessoa humana. Creio que a interdisciplinaridade leva o aluno a ser protagonista da própria história, personalizando-o e humanizando-o, numa relação de interdependência com a sociedade, dando-lhe, sobretudo, a capacidade crítica no confronto da cultura dominante e por que não dizer opressora, por meio de escolhas precisas e responsáveis para a sua libertação e para a transformação da realidade. (YARED, 2008, p. 165)

Podemos considerar que a interdisciplinaridade é fundamental para formar cidadãos integrados e capazes de solucionar problemas de seu cotidiano e deve ser usada como um meio, na educação básica. A interdisciplinaridade se dá por um tema gerador que irá perpassar por todos os conhecimentos fazendo a integração entre estes conhecimentos e os interesses dos sujeitos.

Severino (1998) trata do caráter interdisciplinar da prática do conhecimento, neste deve haver: articulação do todo com as partes envolvidas; articulação dos meios com os fins; o saber quando sozinho não evolui, fica petrificado; precisa de uma intencionalidade; enfim, para ele, aprender é pesquisar para construir, constrói-se pesquisando.

Assim, nota-se que a questão interdisciplinar não está apenas nas universidades, está presente na educação básica, e deve ser posta em prática, na tentativa de solucionar os problemas cotidianos. “A educação é, na sua totalidade, prática interdisciplinar por ser mediação do todo da existência; a interdisciplinaridade constitui o processo que deve levar do múltiplo ao uno.” (SEVERINO, 1998, p.43)

Há, segundo Lenoir (1998), uma dupla visão de finalidades da interdisciplinaridade: de um lado se tem uma perspectiva de pesquisa, que está mais voltada para a área acadêmica, por outro lado, a perspectiva instrumental, com objetivo de solucionar questões do cotidiano, seja de ordem individual ou problemas mais amplos, da sociedade.

Para Lenoir (1998), quando se trata de interdisciplinaridade deve-se fazer uma distinção, pois há a interdisciplinaridade científica e a escolar. A primeira busca por novos conhecimentos, conduzindo à produção de novas disciplinas, por exemplo; e a segunda busca pela integração de conhecimentos, conduzindo ao estabelecimento de ligações de complementaridade entre as matérias escolares.

Assim, é importante ressaltar que a interdisciplinaridade escolar, a qual temos maior interesse neste trabalho, busca fazer uso do conhecimento interligado, para solucionar questões do cotidiano. Para Fazenda (2008): “na interdisciplinaridade escolar, as noções, finalidades, habilidades e técnicas visam favorecer sobretudo o processo de aprendizagem, respeitando os saberes dos alunos e sua integração.” (FAZENDA, 2008, p.21). Entende-se então, que interdisciplinaridade tem a finalidade de buscar responder às questões da sociedade, a partir da socialização do conhecimento dos educandos.

Com a integração das atividades de ensino e troca entre as áreas do conhecimento, ou seja, entre as disciplinas, a interdisciplinaridade promove o desenvolvimento de conhecimentos, tornando o processo de ensino- aprendizagem mais atraente aos olhos de quem aprende, pois, este processo passa a ser visto com uma finalidade em seu cotidiano. A importância da interdisciplinaridade no ensino básico se justifica pela conexão das escolas com questões da sociedade, através do diálogo entre os conhecimentos.

5 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Neste capítulo abordamos os resultados da pesquisa, uma análise dos dados coletados por meio de relatos da etnografia e da leitura da Base Nacional Comum Curricular, ou seja, faremos uma relação entre os relatos coletados, a normativa BNCC, e os conhecimentos adquiridos a partir dos estudos teóricos realizados durante este estudo.

Os relatos foram realizados por estagiários em fase de conclusão da graduação em Licenciatura em Geografia, os quais estão em contato direto com o sistema de ensino básico e desempenham um papel crucial no contexto educacional, pois têm a oportunidade de vivenciar de forma mais próxima a realidade das salas de aula, atuando como mediadores entre os conteúdos curriculares e os estudantes.

Buscamos compreender como a BNCC vem sendo percebida por estagiários de licenciatura em Geografia, ou seja, como vem sendo aplicada e recebida no ambiente escolar. Nos relatos explicamos o ponto de vista e as experiências vivenciadas durante o estágio acerca da implantação da BNCC, as dificuldades e se nos sentimos preparados ou não para daqui a pouco tempo lecionar como professores titulares.

Quando estagiários, relatam sobre o que entendem por interdisciplinaridade, veio à superfície diferentes pontos de vista, visto que já experimentamos interdisciplinaridade através dos PCNs.

A respeito do conhecimento da normativa BNCC, percebemos sua importância principalmente em um momento em que o ensino médio enfrenta alto índice de evasão escolar. Com a proposta interdisciplinar da BNCC há um indicativo de que o aluno verá essa etapa de ensino com outros olhos, ou seja, verá que aquilo que está aprendendo será útil para sua vida.

O estagiário 1, sobre seu conhecimento acerca da BNCC diz: "não [conheço] completamente, mas a gente tem um pouco, noção de como ela é, é enorme né?". A Base Nacional Comum Curricular contém em sua totalidade, 600 páginas, as quais contêm os caminhos a serem percorridos para uma educação de qualidade para todos, sem deixar de lado as singularidades dos indivíduos.

Ainda a respeito do conhecimento da normativa, o estagiário 1 disse o seguinte: "(...) na minha opinião faltou ter um preparo tanto pros professores como

pra tipo preparar as escolas pra receber essa nova modalidade de ensino, é basicamente isso.” Com a BNCC, fica sob responsabilidade da União promover a revisão da formação inicial e continuada dos professores, para que estejam alinhados com a normativa.

Quando questionados sobre a opinião em relação ao “novo ensino médio”, incluído na BNCC, o estagiário 1 relata sua experiência: “no estágio dois (...) quando eu entrei lá tava no início da implantação esse novo ensino médio, inclusive foi só para turma do primeiro ano que era iniciante, e quem tá no segundo e terceiro continuaria, continuaria o ensino médio regular”.

A estagiária 5 relata sua experiência com o ensino médio proposto na normativa: “Assim, esse projeto ele na teoria ele é bom, mas na prática essa interdisciplinaridade não acontece. Sempre fica só um professor na sala, sempre tem um que fica mais sobrecarregando, né. E durante o meu estágio, (...), eu estagiei no ensino médio também, lá eles não utilizavam (...) esse ensino médio, agora que eu tenho contato que eu fui para residência (...) com professora e fica só ela e mais uma outra professora”.

A mesma complementa seu relato: “Aí sempre fica história e Geografia, história e Geografia. Só que o professor ele geralmente ele quer levar assuntos de História e a professora às vezes ela quer levar assuntos de geografia. Mas agora isso já tá mais, a gente já montou um, um plano que, que une as duas disciplinas, história e Geografia.” Fica evidente a necessidade de um melhor esclarecimento a respeito da BNCC, visto que é possível de ser posta em prática nos diversos ambientes de ensino aprendizagem.

O estagiário 1 fala sobre essa fase inicial de organização na divisão por áreas do conhecimento: “(...) muito choque de horários, (...) por exemplo, (...) as áreas das humanas, são 4 disciplinas, nessa, nesse horário, os professores tem que tá os quatro em uma única sala, e, ia faltar professor pras outras salas. Então às vezes esse professor tem aula de projetos que seria o PI, numa turma, só que na outra sala ele já tem aula de LGB, que seria Geografia. Aí vai pra de Geografia e não fica no projeto, no caso. Acontece isso lá no (...)”.

Esse relato mostra as primeiras tentativas de aplicação da proposta curricular na escola, na tentativa de promover a interdisciplinaridade que consta na BNCC. Os estagiários apontam para a necessidade de um melhor planejamento na distribuição de carga horária e alocação dos professores para desenvolvimento dos projetos. Na

normativa as aprendizagens essenciais são organizadas por áreas do conhecimento, estas áreas tem objetivo de fazer a junção de dois ou mais componentes curriculares para uma melhor compreensão da realidade (BNCC, 2017).

Quando discutimos sobre a preparação, ou seja, se nos sentimos preparados para atuar nesse contexto educacional, chegamos à conclusão de que precisamos pensar desde a graduação em buscar por disciplinas optativas de outras áreas, para nos prepararmos para esta nova forma de ensino-aprendizagem, pois na graduação somos direcionados ainda a seguir uma grade puramente geográfica, sem estímulo a adentrar em outras áreas do conhecimento.

O estagiário 1 relata que "No meu caso, não me sinto (...) [preparado]. (...) a gente tem uma preparação aqui na universidade, (...), mas o nosso foco é Geografia. A gente não tem uma preparação de história, filosofia e sociologia (...). Quando a gente chega lá, eu encontro dificuldades, para dar esses projetos integrados aí em outras áreas, por isso que eu não me sinto preparado. Eu penso que já se vai ter essa proposta de interdisciplinaridade no ensino médio, então a universidade vai ter que se adequar, preparar o professor para dar aula no ensino básico."

Ou seja, a universidade também tem um papel importante, pois é quem prepara os futuros professores. Deve-se pensar em uma possível reformulação em seus currículos de cursos de licenciatura.

Com base nas leituras já feitas de toda a proposta da BNCC, fica a sensação de que ainda está mal compreendida. O novo ensino médio propõe que o ensino-aprendizagem deixe de partir somente de conteúdos previamente elencados, e passe a partir de problemas. Isso não significa que os conteúdos das ciências estejam sendo deixados de lado, mas que eles serão requisitados de acordo com o chamamento para resolução de problemas ou para o exercício do pensamento reflexivo.

Com as experiências vividas fica a sensação de que os professores estão querendo levar a ideia de conteúdo para dentro de uma proposta que não é guiada pelo conteúdo, mas pelos problemas. Conteúdo, é só um instrumento para você resolver problemas, ele não é importante por si só, ele só se torna importante na medida em que ele é chamado para dizer alguma coisa.

Devemos então pensar da seguinte forma: estabelecer um problema, depois pensar como podemos buscar soluções para ele. É nesse momento que vamos buscar os conteúdos necessários. Por exemplo: o problema violência doméstica no Brasil, precisamos de aporte teórico de diferentes disciplinas, ou seja, interdisciplinaridade, pois uma única disciplina não dá conta de explicar tal fenômeno.

Refletindo um pouco mais sobre o estímulo da universidade, mais especificamente do corpo docente pela procura de disciplinas em outros cursos para uma formação mais interdisciplinar, ainda enquanto graduandos, percebe-se uma falta de interesse por parte do estagiário 1 ao dizer que mesmo se houvesse estímulo: "existem muitas, muitas questões é, pessoais também. Por exemplo, a gente faz cinco disciplinas todo dia, uma disciplina, e não sobra, tem gente que precisa trabalhar no horário da tarde tem gente que trabalha à noite, aí já tem a semana preenchida com os cinco dias da Geografia no caso, aí não sobra espaço para ele fazer uma outra disciplina no outro [curso], no contraturno, por exemplo".

Ao contrário da estagiária 5, que teve interesse em se matricular em outras disciplinas de outros cursos para se qualificar, outros estagiários nem ao menos sabiam que poderiam fazer disciplinas de outros cursos ou afirmaram desistir da empreitada por dificuldades em realizar suas matrículas em outros cursos.

Normalmente, quando há críticas à BNCC, se critica muito no sentido do espaço físico da escola, que não tem laboratório, por exemplo. Quando questionados se acham que o “velho ensino médio” não precisava de laboratório, para ser um bom “velho ensino médio”, concordamos em dizer que sim, precisava. Ou seja, os professores estavam adaptados com uma forma de ensino-aprendizagem, e toda mudança gera desconforto em princípio, o que acredito que pode ser superado com o passar do tempo e com os exemplos positivos que irão surgir e servir de inspiração.

Com relação às críticas sobre a estruturação das escolas, a BNCC exige a união de esforços da União, Estados e Distrito Federal e Municípios, para que a normativa seja posta em prática.

Por se constituir em uma política nacional, a implementação da BNCC requer, ainda, o monitoramento pelo MEC em colaboração com os organismos nacionais da área – CNE, Consed e Undime. Em um país com

a dimensão e a desigualdade do Brasil, a permanência e a sustentabilidade de um projeto como a BNCC dependem da criação e do fortalecimento de instâncias técnico-pedagógicas nas redes de ensino, priorizando aqueles com menores recursos, tanto técnicos quanto financeiros. Essa função deverá ser exercida pelo MEC, em parceria com o Consed e a Undime, respeitada a autonomia dos entes federados. (BRASIL, 2017, p. 21)

Conclui-se que a normativa vem impactando consideravelmente o fazer escolar. Ainda que em algumas escolas esse processo seja mais lento, é importante o esforço e envolvimento de todos para a obtenção de melhoria na qualidade da educação, tendo como base, certamente, a interdisciplinaridade, pois esta proporciona aos jovens uma expectativa de futuro melhor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso objetivo foi o de analisar como os estagiários de Licenciatura em Geografia percebem a Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio e descobrimos que a maioria não tem conhecimento do conteúdo da normativa, embora a conheçam através das observações práticas de professores em sala de aula durante o estágio.

Percebemos que algumas já estão em fase de conclusão da graduação e ainda não se sentem preparados para lecionar conforme a BNCC determina. Fica então evidente a necessidade de melhorias na formação inicial e continuada.

Apesar da ampla discussão pela sociedade, estudiosos e governantes, ainda restam dúvidas de como colocar em prática a proposta interdisciplinar da BNCC, assim como há questionamentos referentes à estrutura física das escolas. Essas questões já são, em grande medida, respondidas na própria normativa, pouco lida e discutida, infelizmente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida D. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9.394/1996**.

BRASIL. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 08 de mar. 2023.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 13.415, de 16 fevereiro de 2017**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm.

Acesso em: 08 de março de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em : <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 08 de mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação, (2000). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, MEC/SEF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211>. Acesso em: 08 de mar. 2023.

CARDOSO, Ruth C.L. A aventura dos antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In.: Cardoso, R (Org.) **A aventura antropológica: Teoria e Pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

DEMO, Pedro. **Praticar ciência: Metodologias do conhecimento científico**. São Paulo: Saraiva, 2011.

DURHAM, Eunice R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In.: Cardoso, R (Org.) **A aventura antropológica: Teoria e Pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. 18. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

FAZENDA, Ivani C. A. Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológicas. In.: Ivani Fazenda (Org.) **O que é interdisciplinaridade?**. São Paulo: Editora: Cortez, 2008.

LENOIR, Yves. Didática e interdisciplinaridade: uma complementaridade necessária e incontornável. In.: Ivani Fazenda (Org.) **Didática e Interdisciplinaridade**. 13. ed. São Paulo: Editora Papyrus, 1998.

LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 9.Ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 8. Ed: São Paulo: Atlas, 2022.

SANTOS. Silvio Matheus Alves. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica**: Atores, Perspectivas e Desafios. São Paulo: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, v.24.1, 2017. p.214-241

SEVERINO, Antônio J. O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber como intencionalização da prática. In.: Ivani Fazenda (Org.). **Didática e Interdisciplinaridade**. São Paulo: Papyrus, 1998.

TRINDADE, Diamantino F. Interdisciplinaridade: Um novo olhar sobre as ciências. In.: Ivani Fazenda (Org.). **O que é interdisciplinaridade?**. São Paulo: Cortez, 2008.

YARED, Ivone. O que é interdisciplinaridade? In.: Ivani Fazenda (Org.). **O que é interdisciplinaridade?**. São Paulo: Cortez,. 2008.

ZALUAR, Alba. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In.: Cardoso, R (Org.). **A aventura antropológica**: Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

APÊNDICE

ROTEIRO

1. Conhece a Normativa BNCC?
2. Já teve oportunidade de ler a normativa BNCC?
3. Tem carga horária para se aprofundar/conhecer a BNCC?
4. Tem ou já teve algum tipo de incentivo financeiro para se aprofundar no conhecimento sobre a BNCC?
5. Qual a sua opinião sobre o Novo Ensino Médio?
6. Qual sua opinião sobre a proposta de ensino interdisciplinar?
7. A BNCC apresenta uma proposta de ensino interdisciplinar. Qual a sua experiência com esta proposta de ensino?
8. Na escola em que estagia já percebe as mudanças na prática a partir da normativa?
9. O que você pensa a respeito da oposição à BNCC, especificamente ao novo Ensino Médio?
10. Um dos argumentos da oposição à Interdisciplinaridade é a questão financeira das escolas, as quais têm poucos recursos para promover tal ensino-aprendizagem. Na sua opinião é possível um ensino Disciplinar sem/ou com pouco dinheiro?

ANEXOS

TRANSCRIÇÃO DOS RELATOS

Pesquisadora: "bom dia gente,

Professora: "vocês autorizam a gravação?"

Pesquisadora: "Eu posso gravar?"

Estagiários: "por mim tudo bem!"

Pesquisadora: "vocês já conhecem a normativa BNCC?"

Estagiário 1: "não completamente, mas a gente tem um pouco, noção de como ela é, é enorme né? (Sorrisos)

Pesquisadora: "são 600 páginas"

Pesquisadora: vocês já tiveram a oportunidade de ler inteira ou só em partes?

Estagiário 1: "a gente leu partes e teve uma disciplina, política e legislação. Aí a gente leu algumas partes e estudou um pouco sobre as leis.

Pesquisador: vocês tiveram algum tipo de carga horária extra para ler, ter acesso, esse documento, essa normativa?

Estagiário 2: " não"

Estagiário 1: " ao documento não "

Pesquisador: "a BNCC?"

Estagiário 1: "não"

Estagiária 3: "não"

Pesquisador: "vocês já tiveram algum tipo de incentivo financeiro para ler, para ter acesso a essa normativa?"

Estagiários 1,2, 3, 4 e 5: “não”

Pesquisador: “você só tiveram acesso no caso durante a disciplina?”

Estagiários: “sim, durante a disciplina”

Pesquisador: “e qual a opinião de vocês sobre o novo ensino médio que está incluso na BNCC? Lembrando que não tem resposta correta, é a opinião de vocês.”

Estagiário 1: "sim, sim. É, no estágio 2 eu comecei na escola, e quando eu entrei lá tava no início da implantação esse novo ensino médio, inclusive foi só para turma do primeiro ano que era iniciante. E quem tá no segundo e terceiro continuaria o ensino médio regular.

Eu percebi que foi algo que veio assim para escolas como do nada sem nenhuma preparação assim, tanto para gestão, professores, só empurraram. Tá aqui, vocês se viram, vocês vão ter que a partir de agora pegar essas novas disciplinas, que não chama mais disciplinas, implementar esses projetos independente se a escola tem área, salas, laboratórios ou não. E eu vi isso.

Agora no estágio três, já a professora pediu para a gente estagiar especificamente nas turmas do EJA, aí já no EJA eles, pelo menos na escola em que eu fui, esse novo ensino médio ele tava meio de lado porque nas turmas da tarde de manhã não tava funcionando bem, então nas turmas do EJA que já tem horário reduzido, já é menos tempo, aí os professores tavam meio que deixando de lado e continuando no velho ensino médio. Então, tipo, na minha opinião faltou ter um preparo tanto pros professores como pra tipo preparar as escolas pra receber essa nova modalidade de ensino, é basicamente isso.”

Estagiária 3: "eu também, eu também, é, eu tô com um ... lá na escola em que a gente estagiou também, é, os professores eles não seguem, eles não fazem projeto algum, eles só fazem dar aula, passar exercício pros alunos entendeu? fazem questões dão sugestões. Aí um, às vezes um professor ele nem fica na sala de aula são quatro professores né e esses professores só ficam às vezes um professor na sala de aula, aí eles passam um exercício pros os alunos, só isso que eles fazem, entendeu?

Não há a construção de um projeto então isso aí no meu pensar foi apenas huuumm, posso dizer, não acontece..."

Estagiária 4: "também, (...) não tenho uma opinião muito formada a respeito, mas eu posso dizer é que realmente falta organização por parte deles principalmente nessa disciplina que ficam 3, 4 professores na mesma sala o que acaba sobrecarregando uma única professora e a gente vê que eles não sentam pra planejar a aula, por exemplo, ontem por exemplo, era para fechar a nota e a nota não estava fechada, nós ficamos com a turma enquanto eles foram fazer a questão de notas. E os alunos, eles perdem muito tempo com isso, e os alunos ficam sem fazer nada, um exercício eles levam 3, 4 aulas, pra, pra fazer. Então Acho que falta realmente planejamento e acredito que se eles tivessem dando aula nas suas respectivas disciplinas era bem mais proveitoso".

Pesquisador: "tá, alguém mais?"

Estagiária 5: "Assim, esse projeto ele na teoria ele é bom, mas na prática essa interdisciplinaridade não acontece. Sempre fica só um professor na sala, sempre tem um que fica mais sobrecarregando, né. E durante o meu estágio, não, éee, eu estagiei no ensino médio também, lá eles não utilizavam esse ensino médio, agora que eu tenho contato que eu fui para residência no (...) com professora e fica só ela e mais uma outra professora, de sociologia?"

Estagiária 4: " filosofia"

Estagiária 5: "então a interdisciplinaridade só é entre essas duas disciplinas, né, porque os outros professores (silêncio) não vem pra sala."

Pesquisador: "quando eles não vêm pra sala, eles tão aonde?"

Estagiária 5: "eles tão noutra turma ou noutra escola"

Pesquisador: "mas não é o horário deles?"

Estagiária 6: "não, porque tem professores que atuam tanto no município quanto no estado".

Estagiário 1: "Aí dá muito choque, de horários, é esse novo ensino médio por exemplo, a, as áreas das humanas, são 4 disciplinas, nessa, nesse horário, os professores tem que tá os quatros em uma única sala, e, ia faltar professor pras outras salas. Então às vezes esse professor tem aula de projetos que seria o PI, numa turma, só que na outra sala ele já tem aula de LGB, que seria Geografia. Aí vai pra de Geografia e não fica no projeto, no caso. Acontece isso lá no (...)"

Pesquisador: "nesse sentido, você acha que faltou planejamento da gestão? Nessa distribuição de carga horária e alocação dos professores nos locais para desenvolvimento dos projetos."

Estagiário 1: "sim"

Estagiária 3: "Às vezes professora também, às vezes o professor sai da sala para resolver problemas pessoais entendeu ah eu vou resolver uma situação quebrou uma peça do meu carro, eu vou resolver, ah professora fica aí, ah fulana tá doente fique na sala eu vou resolver, mais tarde eu volto. É desse jeito."

Estagiário 1: "tem uma outra situação também é o livro didático que veio. Veio essa interdisciplinaridade de humanas, tem conteúdos que é da história e o professor de geografia não domina aquele conteúdo da história, assim, e vice-versa, filosofia ou sociologia. Então tipo, falta uma preparação para aquele professor ter aquele conteúdo dominado para poder, aí fica nessa divisão. Quando é mais da história, professor da história. Aí eu acho que tá meio sem sentido essa divisão de conteúdos ainda também".

Pesquisador: "então, a gente tem hoje a formação fragmentada, o professor faz geografia ou história ou sociologia ou filosofia para não ter muita. Fora o que chamamos de área de humanas, isso significa então que vocês não se sentem preparados para atuar nesse novo contexto?"

Estagiário 1: "No meu caso, não me sinto (...) Observando essa implementação é porque a gente tem uma preparação aqui na universidade, tem uma parte da do ensino que é para professor independente seja geografia ou história mas o nosso foco é Geografia. A gente não tem uma preparação de história, filosofia e sociologia, assim, aprofundada aqui. Quando a gente chega lá, eu encontro dificuldades, para

da esses projetos integrados aí em outras áreas, por isso que eu não me sinto preparado. Eu penso que já se vai ter essa proposta de interdisciplinaridade no ensino médio então a universidade vai ter que se adequar preparar o professor para dar aula no ensino básico".

Pesquisadora: "É..., vocês estudam numa universidade que tem curso de antropologia por exemplo, história, que vão se misturar com essa proposta interdisciplinar da BNCC, né, você mesmo disse que tem o conteúdo de história que o professor de geografia não domina e o conteúdo de geografia que o então, vice versa, né, que o outro não domina. Vocês acham que por conta da BNCC o aluno da Geografia por exemplo vai tender a buscar mais disciplinas como disciplinas eletivas na história? Ou ele vai continuar preso na grade de Geografia, que vem acontecendo nos últimos anos? Ou na história, o curso de Geografia como curso independente. Cês acham que de alguma forma esse *competil* profissional vai provocar vocês alunos futuramente a buscar disciplinas na história? não necessariamente história antiga ou história medieval, mas de repente pelo menos história do Brasil que tem uma conversa mais intensa na geografia que é uma ciência mais do presente do que do passado. Cês acham que vocês vão *entender* ou a maneira como, como as disciplinas são estruturadas inclusive as optativas, isso é impossibilitado. Porque que todas as optativas que vocês fazem é da Geografia? Essa é minha pergunta. Vocês acham. Isso é o que eu vejo, não sei se é de fato, vocês que vão dizer. Cês acham que os colegas que vocês tão recebendo, vocês veteranos tão recebendo calouros toda hora. Cês acham que por exemplo a turma 2022, éee, e a turma 2023 vão tender a fazer optativas no curso de história, ou no curso de antropologia? Diferente de vocês que priorizaram disciplinas da própria Geografia."

Estagiário 1: "Eu acho que se for pensar pra esse novo ensino médio deveria entrarmos nos cursos, principalmente filosóficos históricos social né, deveria mas eu não sei se eles vão optar (.. professora.) eu não consigo pensar ainda assim, mas deveriam a gente deveria no caso.

Estagiário 2: "é pela questão da necessidade de ter aquela formação além do próprio curso por causa que com o novo ensino médio ele, ele vê o aluno também como atuante como protagonista aí o professor ele vai precisar ter um alicerce de de

conhecimento mais amplo. Por causa se ele ficar numa, na caixinha só do curso dele, não vai, é, vai ficar nessa necessidade como o (...) já falou aí, de adentrar em outras áreas do conhecimento e vai (não entendi) junto, atuando junto com o aluno. Praticamente, eu vejo que essa, essa optati, é, sendo, buscando optativas em outras áreas do conhecimento é uma forma de tá, tá é dando conhecimento né que, preenche o professor né pra trabalhar junto com o aluno. Que essa proposta do novo ensino médio é isso, né, pro aluno ser também agente ativo. Aí com o professor, aí é necessário que o professor conhecimento além da sua formação."

Estagiária 5: "eu penso que não né, por que eu como o (...) falou né, a gente deveria mas assim tirando eu por exemplo, eu fiz uma disciplina optativa que não foi na área da Geografia no caso né." Pesquisadora: "foi em qual área?"

Estagiária 5: "foi na Ecologia política, lá na Tapajós. Aí só que assim, no caso, já tava essa questão do novo ensino médio, e assim, da nossa turma pessoalmente, eu vejo que ninguém se preocupou em buscar outras disciplina de outras de outras interdisciplinaridades. Por isso que eu falei que não. porque mesmo nós sabendo que iria enfrentar esse período a gente não, a gente não, a gente sabe que tem que buscar, mas na prática a gente não busca. E isso eu vejo isso nas escolas, tipo assim, lá no RP, é, eu acho que é mais questão do professor tá muito ali na sua caixinha e não querer tipo assim, tipo assim, ah a Geografia é melhor que história. E Eles não querem assim, é, abrir mão da sua, da sua área de conhecimento eu vejo que é mais essa questão. Por isso que eu falei que eu acredito que não vai buscar, porque quando a gente tá na geografia a gente meio que não quer buscar questões da história por isso que eu falei que não porque na escola também vejo isso. Os professores de história quando é PI, eles querem passar só o conteúdo da disciplina de história, assim como professora de Geografia, ela quer passar só de. Eu falo mais de história e Geografia porque sociologia e filosofia os professores geralmente eles nunca vão. É Eles sempre, sempre tão fora da escola né, aí fica só a professora de história e de geografia. Ai de sociologia e filosofia eu nem conhecia a professora de filosofia. A (...) falava dele né, aí eu falava assim, eu não conheço esse professor, eu nunca vi, aí ela me mandou uma foto dele né, esse aqui é o professor de filosofia, porque nas aulas que eu ia, que era PI, que era pra ele tá, ele nunca tava, ele sempre ou tava na na outra escola que ele trabalha né, ou ele, ele

mandava áudio, professor hoje eu não vou, aconteceu tal coisa, tipo assim. Aí sempre fica história e Geografia, história e Geografia. Só que o professor ele geralmente ele quer levar assuntos de História e a professora às vezes ela quer levar assuntos de geografia. Mas agora isso já tá mais, a gente já montou um, um plano que, que une as duas disciplinas, história e Geografia. Porque filosofia e sociologia não dá porque os professores nunca, nunca tão presentes.”

Pesquisadora: "E o relacionamento tá melhor com esse plano? Dessas duas ciências.”

Estagiária 5: “Tá humrum”.

Estagiária 4: "assim o que a (...) Falou, é realmente importante, até tenho uma situação, que eu até comentei com elas. Que na aula, foram três né, Parecia um cabo de guerra na aula de aula. A professora tratava um assunto, e aí, historicamente falando. A geografia levantava, agora puxando pro lado da geografia, geograficamente falando, vinha um outro filosoficamente falando. E a gente via a confusão na cara dos alunos, eu acredito que não era pra ser daquele jeito. Eles deveriam se organizar mais, planejar mais, não teve na hora tarefa fragmentando as coisas né. Ficou muito confuso pra, pró próprios alunos essa situação.”

Pesquisadora: "eu tenho a sensação, vocês vão me dizer se eu tô errada ou não. Que a proposta foi muito mal compreendida ainda. Ainda está muito mal compreendida. Porque o que vocês chamaram de velho ensino médio, é, ele direciona a aprendizagem pelos conteúdos. E o que vocês, o que a sociedade chama de novo ensino médio, tende a propor que o debate se dê acerca de problemas e não de conteúdos. E que então os conteúdos vão ser puxados de acordo com a necessidade deles pra resolver determinados problemas. Mas isso não é feito e não é entendido. Continuasse, é, com a visão anterior, do conteúdo que realmente não funciona com a nova proposta. Uma coisa é você estabelecer um problema, temos um problema, agora vamos pensar como que a gente pode dar soluções pra ele, aí a gente vai buscar os conteúdos necessários. É completamente o oposto de você já ter os conteúdos, não esse é o conteúdo, pra que? Não sei. É que a gente repete isso todo ano, e esses são os conteúdos, mas como que eu vou usar? Pra que que ele serve? Não interessa, esses são os conteúdos. Então

trabalhar por conteúdo e trabalhar por problemas são visões de educação completamente diferentes. E a sensação que eu tenho, vocês por favor me digam se eu estou errada, é que ficam tentando enfiar o quadrado no redondo ou seja tão querendo levar a ideia de conteúdos pra dentro de uma proposta que não é de conteúdo é de problemas. Conteúdo é só um instrumento para você resolver problema, ele não é importante por si só, ele só se torna importante na medida em que ele é chamado para dizer alguma coisa. É isso ou eu tô errada?"

Estagiário 1: "tanto é professora que, a avaliação deles não é, é, quantitativa é qualitativa. Não, não tem nota assim, é conceito ABC, isso é bom é suficiente ou ruim o desenvolvimento nos, dos projetos no caso, de tem eletiva também no caso."

Estagiária 5: "É porque assim, no caso. Na escola que eu estagiei no estágio dois né, tavam começando essa questão né, da implantação do novo ensino médio aí, quando era hora do intervalo os professores ficavam né aí a gente tem que montar um projeto e tal, e era diferente da da escola que eu faço o R.P né e aí eles tinham logo que montar um projeto e como eles não tinham, eles não se guiavam, não tinha essa questão do livro né, eles montaram um projeto sobre, sobre palestra, sobre violência doméstica. Os professores do, das ciências, das áreas sociais né. E aí eu achei, eu ache. E quando eu fui já pro R.P, que já tinha essa questão aí a gente vai trabalhar o livro, vai trabalhar, eles já tão mais preso ao conteúdo do livro, de, de tipo de seguir o que tá no livro, de que buscar novas, novas questões."

Pesquisadora: "e não o problema que é atual e que incomoda muito ainda, não discutir algo que toca diretamente na vida das pessoas."

Estagiária 5: "e quando os professores os professores lá dessa escola que eu esta... fiz o estágio 2, eles levaram proposta da violência doméstica, tinha os professores que diziam aí isso não tem nada a ver com o que é, que tá pedindo a que veio pedindo, e tal. Aí eu fiquei tipo meio perdida né, porque tipo e o que é que tá pedindo né. Aí quando chegou lá no, na escola que eu faço R.P, aí já é mais diferente. Eles já seguem mais uma, uma questão que já vem, tipo, vocês vão usar isso. Aí eles têm que juntar o que se encaixa em cada disciplina, mas tipo, muito pelo conteúdo e não que, pelo problema".

Pesquisadora “E você acha que esse problema levantado, violência doméstica, como um projeto a ser desenvolvido, se discutir esse problema, pensar em soluções possíveis plausíveis para essa realidade social que é, inclusive com a possibilidade de chamar a gente do fórum que trabalha com violência doméstica e etc você pode fazer muita coisa no projeto inclusive trazer gente de fora para palestrar, existem ONGs ligadas ao judiciário que fazem esse trabalho gratuito, etc, etc. você buscar coisas que não tão previstas no conteúdo e você adicionar essas coisas a informação histórica e geográfica por exemplo, do problema violência doméstica. Será que o problema da violência doméstica é igual no mundo todo? É uma questão geográfica e espacial né. Será que é violência doméstica ela é mais intensa No Brasil se é, por quê? são questões, é, geográficas, históricas sociológicas filosóficas, né, é quem fez, ou ninguém aqui, que faz educação e relações ético, é, étnico raciais comigo, ou fez, sabe que eu trabalho isso a partir de sociólogos a partir da filosofia, da sociologia, da história é uma disciplina extremamente interdisciplinar. Então pensar violência no Brasil, violência de uma forma geral que inclui a violência doméstica a gente precisa de aporte teórico de diferentes disciplinas uma única disciplina não dá conta de explicar um fenômeno completa, muito complexo. É, ainda explorando e ouvindo mais, porque que você acha que ainda assim apesar de você ter feito ainda assim os nossos calouros vão continuar se limitando as disciplinas optativa da Geografia e não vão buscar isso na história, na antropologia, ou em outros cursos lá no Tapajós? por que, que você acha que não vão fazer isso?”

Estagiária 5: "eu não sei, num sei mas eu vejo que é pela questão mas do, tipo, mesmo do que, que mesmo, por exemplo assim, nessa etapa o aluno vai aprender isso isso e isso, aí eu vejo que os alunos, tipo quem tá na universidade ele tá mais preocupado nessa, com essa questão do que in in ficar tipo ah eu tô em geografia, então eu vou fazer, é cursos que são da área da geografia. Eu vê, Eu vejo assim né, mas também.”

Pesquisadora: "você acha que é um certo conformismo?”

Estagiária 5: "sim"

Pesquisadora: "ou uma certa, um certo comodismo, seria a palavra?”

Estagiária 5: "sim, é, é"

Pesquisadora: "eu já tô aqui vou ficar aqui. Não vou pegar o ônibus pra ir pro Tapajós. Aí vou ter que estar em turma que eu não conheço ninguém, isso pode me gerar certo desconforto emocional, sentimental. Eu vou ficar longe da minha zona de conforto, onde eu já conheço. Cês acham que tem esse fator psicológico?"

Estagiária 4: "eu acho que sim"

Estagiária 5: "eu acho que sim"

Estagiário 1: "tem."

Estagiário 2: "(...) Também tudo depende assim do, do que se pede, do período né, de adaptação. E eu me recordei agora que eu fiz uma disciplina na informática educacional foi naquele período que teve a pandemia, nós retornamos né, a, a, a ter online aulas remotas então eu vejo assim. A depender do contexto, do cenário, que estamos inseridos, é, vão tender sim né. É com a exigência do novo ensino médio. Uma vez que eu fui fazer a informática educacional, por questão do, do, da pandemia né, que aquela, naquela, naquela época tudo era online. E eu vejo também com a proposta da BNCC que é necessário também esse conhecimentos é..., de, de, de produção né. É necessário produzir vídeos pros alunos, essa produção audiovisual. Então eu vejo que, por isso que eu respondi, né, que me pergunta, que eu acho que sim, porque a depender, ao, ao que se encaminhar né, eu vejo que, que pode ser sim, um novo. Eu, eu fiz isso, né, eu fui buscar conhecimento na, na informática educacional por conta da pandemia, então é o fator externo que vai te pressionar, a vida do universitário".

Pesquisadora: "obviamente que não é a única variável porque apesar de não existir esse incentivo, temos pessoas que fizeram disciplinas fora do curso. Mas é minoria."

Estagiário 1: "Sim."

Estagiário 1: "Existem muitas, muitas questões é, pessoais também. Por exemplo, a gente faz cinco disciplinas todo dia, uma disciplina, e não sobra, tem gente que precisa trabalhar no horário da tarde tem gente que trabalha à noite aí já tem a

semana preenchida com os 5 dias da Geografia no caso, aí num sobra espaço para ele fazer uma outra disciplina no outro, no contraturno, por exemplo."

Pesquisadora: "Porque isso vai, vai tornar o curso mais longo"

Estagiário 1: "Isso"

Estagiário 1: "sim, essa questão, é uma. Que tem disciplinas que ela, ta sendo ofertadas esse semestre, aí vem dois semestre ela não seja ofertada, aí já complica a vida doo"

Pesquisadora: "e se vocês não trabalhassem? Levanta o braço quantas pessoas trabalham fora aqui, além das atividades da universidade, só um. Então aqui a maioria não trabalha, é dedicação exclusiva Universidade, é isso ?"

Estagiária 4: "não eu cuido da minha filha"

Estagiário 1: "não trabalho assim em trabalho fora, mas tem outros trabalhos, é."

Estagiária 3: "a gente pode fazer uma disciplina sem ser optativa em outro curso?"

Estagiária 5: "eu nem sabia que podia."

Estagiária 3: "não sabia que podia, não."

Estagiária 4: "Ninguém nunca falou isso pra gente."

Pesquisadora: "como é que foi a contabilização desse que você fez fora?"

Estagiária 5: "Como?"

Pesquisadora: "Como contabilizou no seu histórico a Ecologia política?"

Estagiária 5: "Ela, ela só aparece lá, por causa que eu já, eu já, fiz as três optativas da Geografia né, aí como minha irmã estuda lá, aí, aí ia ter essa disciplina aí eu peguei fui lá com, se eu podia me inscrever, porque eu, eu achei interessante né, aí, aí ela aparece lá embaixo, só que ela não conta como, ela conta mais, lá embaixo junto das optativa, não como das. Ela conta, Lá nas optativas tá tem tipo quatro

disciplinas não tem três que são as optativas obrigatórias no caso né, já tem quatro no caso, tem as que eu fiz na área de geografia e conta essa uma.”

Pesquisadora: “não entendi. Optativa obrigatória, não seria uma contradição?”

Estagiária 3: “Não porque assim, ela é uma optativa, mas ela precisa ser obrigatória.

Pesquisadora: “é obrigado a completar carga horária, dessa optativa. São 200 horas.”

Estagiário 1: “No início eu achava que a gente deveria fazer só optativas.”

Pesquisadora: “Veja bem, se são optativas, vocês são obrigados a fazer essas optativas, então não são optativas. Percebem? São obrigatórias.”

Estagiário 1: “é porque na nomenclatura é optativa. O nome e o código, elas aparecem pra todos, no caso.”

Pesquisadora: “Pra todos os cursos?”

Estagiário 1: “a gente nunca imaginou que poderia fazer de outros cursos, por exemplo no tapajós.”

Pesquisadora: “esse é o sentido da palavra universidade. A primeira palavra da sigla Universidade Federal do Oeste do Pará. Tem a ver com universo. Galáxias, estrelas. Justamente pra você circular.

Pesquisadora: “quando a gente vai fazer matrícula ela já aparece lá, por exemplo. Uma optativa em geografia, não aparece em outros cursos, entendeu? Ela já aparece lá embaixo. Relacionada ao curso de geografia.”

Pesquisadora: “Como é que você fez inscrição?”

Estagiária 5: “Eu tive que ir lá, porque como a menina falou, quando a gente procurava pelo nome não aparecia para mim ir para lá. Aí eu tentei, porque eu tinha tentado fazer outra disciplina que era sobre solo, mas era da geologia para poder me matricular eu tive que ir lá no tapajós. Aí falei com o professor no primeiro dia de aula e já fui no outro dia.”

Pesquisadora: “Como você fez o procedimento?”

Estagiaria 5: “Aí eu preenchi uns papéis lá, não foi pelo sistema.”

Pesquisadora: “na secretaria. Entendi. E eles que entraram no sistema e colocaram.”

Estagiaria 5: “Sim, eles colocaram no sistema. Mas quando a gente vai se escrever pelo sistema, não aparece.”

Pesquisadora : “então o sistema acaba conduzindo?”

Estagiários: “Eles dão prioridades pro curso matriculado.”

Estagiário 2: “por exemplo uma amiga queria fazer em pedagogia, mas não deram prioridade pra ela.”

Pesquisadora: “mas isso é raro, é um limite muito grande de aluno. Muito difícil ultrapassar 60. É raro acontecer isso. Não sei se as turmas de pedagogia são grandes demais.”

Estagiaria 5: “pode ser.”

Pesquisadora: “Aham, tá então vamos voltar para cá.”

Estagiário 2: “no meu caso(...), foi turma de férias. Foi via sigaa mesmo.”

Pesquisadora: “Você conseguiu pelo sigaa?”

Estagiário 2: “Foi. Eu vi a possibilidade que tem as turmas de férias, aí eu matriculei.”

Pesquisadora: “será que é porque é mesmo instituto? Informática educacional é no ICED. Aparece? Ou vocês têm que ir no PPC de cada curso no site da UFOPA? Vou lá no PPC da história e tem aquela grade das disciplinas. Não tem uma parte da grade da disciplina que tem toda. Por exemplo história do brasil. Seria mais interessante pra vocês dentro de BNCC. Aí você olha as ementas e vê, ah vou fazer essa. Aí vai lá digita ela aparece pra você se inscrever é isso?”

Estagiários: “sim.”

Estagiaria 4: “quando coloca o nome da disciplina aparece de todos.”

Pesquisadora: “Todos os cursos?”

Estagiaria 4: “Sim de todos os cursos da universidade.”

Estagiários: “Para mim não aparece, só se colocar código ou nome corretamente da disciplina.”

Pesquisadora: “Mas você disse que aparecia todo uma relação, não é?”

Estagiário 1: “Quando digita certo, no caso.”

Pesquisadora: “mas o que você digita? Por que aparece pra uns e pra outros não? Com você faz?”

Estagiário 4: “Eu vou na pesquisa e pesquiso sobre biogeografia, aí aparece tudo sobre. De outros cursos também.”

Pesquisadora: “tá aí só jogou a palavra. Política aí aparece.”

Estagiários: “Só se jogar o nome da disciplina correto.”

Pesquisadora: “Então se eu digitar política não vai aparecer geografia política?”

Estagiários: “Não, tem que ser o nome exato. Tem que pesquisar o nome exato aí aparece todas as turmas daquela disciplina.”

Pesquisadora: “Ah então vocês têm que olhar, vocês já tem que olhar vários cursos e já ter uma ideia do que vocês querem fazer. Tipo dá uma bisbilhotada geral, em história, biologia, em outros cursos, né? Ecologia? Você fez ecologia política?”

Estagiaria 5: “não, foi Ciências ambientais.”

Pesquisadora: “ciências ambientais, enfim. ok. Vocês vão bisbilhotar. Aí vocês vão começar a montar o currículo de vocês. A trajetória particular de vocês na universidade. Nessa carga horária de optativas, não é?”

Estagiário 1: “Então acho que deveria ficar disponível. Quando fosse o período de matrícula, todos essas disciplinas, por exemplo, da geografia toda. Da gente mal aparece do nosso curso. A gente tem que procurar.”

Estagiário 3: “Divulgam lá a disciplina e a gente vai procurar lá.”

Estagiário 1: “quando a gente vai olhar oferta de disciplina.”

Pesquisadora: “aí a gente pergunta, qual o código.”

Estagiário 1: “a gente tem que ir atras. Em cada semestre, porque não aparece no sistema. Tem gente que nem se matricula na disciplina obrigatória porque não conseguiu ou não encontrou.”

Pesquisadora: “e vocês acham que se sentiriam mais preparados para enfrentar o contexto do novo ensino médio se tivessem feito mais isso?”

Estagiário 1: “Acho que talvez sim.”

Pesquisadora: “Se tivessem feito mais optativas fora da geografia?”

Estagiário 1: “talvez, mas mesmo assim ainda é pouco.”

Pesquisadora: “mais uma coisa, normalmente quando se critica a BNCC, se critica muito no sentido do espaço físico da escola. Que não tem laboratório, por exemplo, é uma frase que se repete. Vocês acham que o velho ensino médio não precisava de laboratório, para ser um bom velho ensino médio?”

Estagiários: “Com certeza, precisava.”

Pesquisadora: “então o problema de fato é esse? A ausência do laboratório? A ausência do laboratório que prejudica os dois? Então porque isso é apontado como uma possibilidade, se isso já impossibilita o velho ensino médio? Porque eu não consigo entender. Se vocês poderem me explicar.”

Estagiário 5: “Acho que está muito ligado a acomodação.”

Pesquisadora: “Oi?”

Estagiário 5: “Acomodação do professor.”

Pesquisadora: “Você acha que está me dizendo que a acomodação prejudica, porque de fato isso seria mesmo uma desculpa”

Estagiária 5: “Porque eles estão acostumados com a mesma rotina de sempre. E aí quando tem algo novo ele já começa a reclamar, há tem que fazer isso, elaborar projeto, lá a professora tem que integrar o projeto também, que eles vão ter que apresentar no final de julho, aí logo reclama que tem mais trabalho, tem que fazer isso e aquilo.”

Estagiário 1: “tem uma coisa que eu acho também importante é a falta de preparação no caso, é os professores dialogarem, no caso das humanas. Eu sei que eles não estão fazendo isso, mas da de perceber pela carga horária. O professor da aula de segunda a sexta e não tem um tempo livre que poderia ser dentro da escola, pra se juntar com outros professores para preparar a aula. Aí isso acaba dificultando o preparo da aula, o projeto.”

Pesquisadora: “Será que não tem? Você já perguntou?”

Estagiário 1: “pelo que sei professora, só eu não sei na verdade das outras escolas que não são integradas. E nessas escolas que são integrais, e aplicam o novo ensino médio, eles têm um tempo lá dentro da escola. Para preparar, nessas outras não sei

lhe responder, mas vejo eles reclamar que não tem esse tempo para preparar. Então não sei afirmar.”

Pesquisadora: “aí você não sabe se é tempo suficiente.”

Estagiário 1: “isso. O que eu tava pensando também é... essa junção das humanas, porque por exemplo tem terça feira a tarde livre, ela não tem horário na escola, mas o outro professor de escola ele tem aula aí eles não têm um tempo para tá os quatros no mesmo dia para preparar projeto no caso. Isso que eu tava pensando também, não só um professor, mas os quatro juntos.”

Pesquisadora: “aí é uma questão de planejamento de gestão, juntar eles para trabalhar juntos.”

Estagiário 1: “sim”

Pesquisadora: “então você para três tempos de aula ou a tarde ou de manhã. Esse tempo sem alunos, pago e sem eles para preparar um material de aula.”

Estagiário 1: “sim”

Pesquisadora: “vocês acham que a estrutura física ela atinge, mais as humanas? Ou as ausências do laboratório de informática, laboratórios de experimentos ou moldes, etc. vocês acham que essa falta de recursos de investimentos ela atrapalha mais os projetos de ciências tecnológicas ou de humanas? Vocês acham que é mais fácil o professor trabalhar bem dentro dessa perspectiva de problemas e não de conteúdo. De recursos, quem se da pior com essa situação, a galera da biologia, matemática ou humanas? Nesse problema de espaço e recursos?”

Estagiário 1: “eu acho que todos professores. Todas as áreas necessitam de um espaço e apesar...”

Pesquisadora: “que tipo de espaço? Você acha que falta para fazer um bom projeto. É voltado para problema e não para conteúdo.”

Estagiário 1: “é... a priori acho que um laboratório de informática é necessário em todas as escolas. Por que pessoalmente nas escolas periféricas é nem todos os alunos têm acesso a celular, internet em casa aí falta de pesquisa, assistir um vídeo.

Tipo para área de humanas fazer uma aula diferente, sair da sala de aula. Fazer uma pesquisa naquele momento, eu acho que principalmente esse laboratório de informática seria algo essencial nas escolas.”

Professora: “no caso, por exemplo, das tais disciplinas físicas, biologia, química, você acha que um laboratório de informática seria suficiente ou faltaria outro tipo de laboratório?”

Estagiário 1: “não. Faltaria com certeza; no caso só ia ter acesso a pesquisa, mas precisaria de outro espaço para fazer a prática. Praticar, fazer reações, elementos.”

Pesquisadora : “ então você acha que as humanas precisam de menos recursos, na medida que de informática seria suficiente. Para química e biologia ou as ciências da natureza não seria suficiente?”

Estagiário 1: “humanas também necessita, a gente faz geografia, a gente faz vários projetos, vários experimentos, usa solo.”

Pesquisadora: “não, não, não. Humanas... porque a geografia está em duas áreas...”

Estagiário 1: “sim, ela se divide”

Pesquisadora: “é ela é duas vezes, por isso que... dizem que a BNCC aumenta o número de concursos de vaga para professor de geografia, que atua no mesmo tempo em dois projetos no mínimo de começo assim. Né? Tipo nas humanas. Aí é o lado humano da geografia, com a sociologia, a filosofia, você acha que as humanas precisam de menos recursos? Dá pra fazer um bom trabalho com menos? Do que com a ciências da natureza?”

Estagiário 1: “eu penso que... a verdade só consigo pensar agora na parte da internet, no caso, que os alunos não têm acesso, mas isso daí já é um começo. Da parte de informática. Fazer pesquisa, montar projetos, não consigo pensar algo além, ainda, no outro espaço.”

Pesquisadora: “e o que que vocês acham que poderia mudar a atitude dos professores, em relação a um... um... ensino mais que um problema de conteúdo e... enfim mais interdisciplinar? Vocês acham que tinha que mexer em que? Na formação, formação básica, formação continuada? mais dinheiro para estudar e produzir esse material, mais dinheiro nas escolas, laboratórios, vocês acham que essa tal má vontade que vocês encontram seria superada ou irá permanecer?”

Estagiário 1: “tanto na formação dos professores quanto no investimento para o ambiente escolar.”

Pesquisadora: “mudaria completamente ou ajudaria essa atitude de sair da zona de conforto?”

Estagiário 1: “acho que não mudaria completamente. Porque é um processo e a educação precisa de processo. Ia melhorar a situação que tá hoje.”

Pesquisadora: “ia melhorar mais em relação aos novos professores e os mais antigos vai ser mais difícil mudar?”

Estagiário 1: “eu penso que é falta de interesse dos professores porque no meu período de estágio 1,2,3 tive contato com três professores diferentes e eu percebia quando era interesse de um e do outro não. Tem professor que tá quase se aposentando, mas tem seu equipamento de Datashow, computador, procurou de certa forma se atualizar no contexto que a gente tá vivendo, enquanto outros professores que não faz nem questão, então não é se só tem que mudar todos os professores, mas eu acho que qualificar os que têm e juntar com os que tá chegando, dessa forma.”

Pesquisadora: “aham.”

Estagiário 1: “é claro que tem uns que tem dificuldade, mas eu acredito que ele se esforça um pouco ele consegue sim.”

Pesquisadora: “mais alguma coisa? Que esqueceram de falar? Não tem nada aí que não tenha faltado no assunto?”

Pesquisadora: “vocês acham que a educação brasileira ela é igualitária?”

Estagiário 1: “com certeza não. Percebe isso principalmente pelo espaço físico, tem escolas que são climatizadas outras já não são, isso dessa parte de administração, vai pra escola, vai pra outra livros didáticos, tem escolas que não recebem livros didáticos, tem outras escolas que tem livros empilhados na biblioteca sobrando e outras já não tem, tem escolas que tem cadeiras bonitinhas pra sentar e outras não. Então dessa forma.”

Estagiário 4: “uma coisa que não entendi lá na escola tem um monte de livro mas o aluno não pode levar para casa, pega, ler ali naquela hora as vezes sim as vezes não. Como é que ele vai praticar vai poder reler em casa? aí eles sempre falam, se rasurar vai ser 35, 40, elas dão um valor lá de um livro, aí eles lêem na hora e retornam aí eles ficam usando xerox, lá dentro da escola é cinquenta centavos, aí

nem todo mundo tem todo dia. É muito gasto. Então nesse caso não entendo porque, se é livro didático. Quando eu estudava a gente ganha livro no começo do ano e devolveia final do ano. Agora a gente não pode levar livro pra casa. Então o livro agora é só pra olhar e admirar e pronto.”

Pesquisadora: "Algumas pessoas são contra, né a BNCC e o que vocês pensam sobre isso? Sobre elas serem contra, especificamente ao novo ensino médio? Falta de conhecimento? O que que é?"

Estagiário 5: “essa acomodação né que eu falei. Falta de conhecimento também. Tem esses que nem leram. Seria isso né?"

Estagiário 1: “acho que ele perdeu um pouco a liberdade. Ficar sozinho lá com os alunos, acho que com tecnologia eles ficaram acomodados. tem mais três professores na sala de aula. Tem essas questões, o que mais vejo reclamar, aí vai nos quatro pra sala de aula. É sobre ir quatro professores pra sala de aula.”

Pesquisadora: “isso incomoda porque eles acham que vão expor sua falta de conhecimento pro outro colega?"

Estagiário 1: “eu penso dessa forma professora.”

Estagiários: “obrigado.”

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CAMPUS SANTARÉM – UNIDADE RONDON
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA



ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Aos 10 dias do mês de julho de dois mil e 23, realizou-se na Unidade Rondon do **Campus de Santarém** da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), a apresentação pública do Trabalho de Conclusão do Curso desenvolvido pelo (a) discente Tatiany dos Santos Farias, intitulado "A interdisciplinaridade do novo ensino médio sob a ética de estagiários de licenciatura em Geografia", sob orientação do (a) Professor (a) Alice Ferreira Rodrigues Dias, da Universidade Federal do Oeste do Pará. A banca avaliadora foi composta pelo (a) orientador (a) citado (a) e pelo (a) (s) Professor (a) (es) Isix do mar marques martins e João Roberto Pinto Feitosa. Após a análise do texto e defesa do TCC, os (as) avaliadores (as) deram o parecer na Ficha de Avaliação em anexo e deferiram pela **aprovação** / () **reprovação** do TCC, resultando na nota 9,0, para o (a) autor (a). Proclamados os resultados pelo Coordenador da banca, foram encerrados os trabalhos e para constar, eu Alice Ferreira Rodrigues Dias lavrei a presente ata, que será assinada pelos autores do trabalho e pelos membros da banca examinadora.

Autor (a): Tatiany dos Santos Farias Matrícula: 201800024

Assinatura: Tatiany dos Santos Farias

Orientador (a): Alice Ferreira Rodrigues Dias

Assinatura: Alice

Avaliador (a): Isix do mar marques martins

Assinatura: Isix

Avaliador (a): João Roberto Pinto Feitosa

Assinatura: João